

O corpo adolescente: contributos para a compreensão da sua representação¹

Fernanda Daniel² & Anabela Filipe³

Saber como os jovens representam o corpo e o corpo ideal, enquanto realidades significativas, foi o nosso objectivo. Iniciámos o processo de investigação empírico através da recolha dos dados por associação livre de palavras inquirindo 278 jovens estudantes. Concomitantemente, efectuámos 30 entrevistas complementares. Em resultado do percurso efectuado, e tal como havia sido esperado, deparámo-nos com a representação de um corpo adolescente de existência ambígua. Reunindo em si o positivo e o negativo, o saber e o não saber, o querer e o não querer revelou-se um importante espaço de identidade e metamorfose, em permanente devir. Deste modo, as diferenças evocadas contribuíram para a construção de uma significação simbólica virtualmente “desancorada” das tautologias, das distorções, dos medos, tensões, paradoxos e estigmas, em que habitualmente o corpo adolescente se vê enredado.

PALAVRAS-CHAVE: adolescência; corpo; corpo ideal; representações sociais.

1. Introdução

Vivemos numa época em que o corpo deixou de se oferecer como modelo de escultura para passar a ser suporte da mesma na qualidade de matéria-prima, deixando-se construir e reconstruir, pela técnica e pela ciência, ao sabor da moda e da concepção individual socialmente determinada de corpo ideal. O corpo tem vindo a deixar de ser “encarado como um ‘dado natural’, matéria orgânica onde as modificações decorrem no tempo biológico. É uma realidade susceptível de intervenção, de modificação, de intensificação de experimentação, no fundo, de exploração nas suas dimensões plástica, motora e sensorial” (Ferreira, 2003, p. 266). Assim, na contemporaneidade o corpo flexibiliza-se de modo a poder assumir novas formas intencionais, através de “performatividades expressivas corporais”

¹ Este artigo apresenta os resultados do estudo empírico realizado no âmbito de uma dissertação de mestrado em Família e Sistemas Sociais – Instituto Superior Miguel Torga.

² Instituto Superior Miguel Torga e Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade.

³ Centro Paroquial de Solidariedade Social da Freguesia de Alvares.

(Pais, 2003, p. 405) e, desta forma, fugir ao quotidiano anónimo e tornar-se bem sucedido na sua integração social.

72

Construído na relação com o outro, o corpo, transporta um “depósito de traços, de marcas (...) vivências acidentais e estigmatizadas (...) que o individualizam, conferindo-lhe uma singularidade”, como refere Babo (2001, p. 265) — ainda que, à semelhança de um “ectoplasma”, se propicie a ser moldado pelo olhar sobre si próprio e dos outros, reflectindo a percepção da vida social e das relações humanas de um modo geral, ao permitir aceder ao universo das disposições subjectivas, valores e padrões de consumo (Bourdieu, 1998/1999).

Assumindo-se como instrumento expressivo e suporte auto-identitário, o corpo é actualmente vivido e percebido pelos indivíduos como um recurso a explorar nas suas mais variadas potencialidades imagéticas e cinéticas, pelo que se tem vindo a tornar cada vez mais susceptível de ser moldado e experimentado nos parâmetros de um projecto reflexivo de construção e apresentação social. Este corpo organiza-se e é planeado a partir da pluralidade de possibilidades de usufruto corporal, de textura cada vez mais intrincada (Giddens, 1991/1997; Ferreira, 2003).

Tendo-lhe sido reconhecida não só uma dimensão física ou material, mas também expressiva, o corpo assumiu, deste modo, um estatuto de objecto-signo, espaço intercomunicante de aparências, movimentos e sensações, que ganhou expressividade simbólica, tendo, por isso, deixado de ser encarado como um “dado natural”, para se tornar num espaço de fronteiras flexíveis e flutuantes, ou seja, num espaço-fronteira de definição de si próprio, no sentido da individualidade e de diferenciação económica (Ferreira, 2003) e social, com possibilidades transformativas ilimitadas, passíveis de serem reveladas na sua adesão a determinados estilos de vida.

Entre as novas gerações, os novos meios de socialização, as novas tecnologias de informação e comunicação têm vindo a contribuir bastante para a construção identitária dos adolescentes. Estes assumem diferentes valores simbólicos e constituem-se em importantes representações, ainda que actuem em sentidos diferentes, criando heterogeneidade ou massificando, na medida em que lhes facultam diversos modelos de corpo. Estas representações são entendidas como construções do imaginário colectivo, que têm influência directa sobre a consciência pessoal de cada adolescente, sobre os seus níveis de aspiração, sobre os seus gostos, comportamentos e consumos.

Apesar de ser percebido pelos adolescentes como um poderoso instrumento de auto-definição por intermédio do qual também julgam os outros, o corpo só faz, no entanto, sentido se existir para alguém, isto é, se for reconhecido socialmente enquanto eixo *estruturante e estruturador* de um projecto reflexivo individual

organizado em torno de um estilo de vida. Consciente do valor expressivo da realidade corporal, o adolescente tende a acentuar a valorização da dimensão identitária, auto-responsabilizando-se pelo *design* e performance do seu corpo (Ferreira, 2003), e a colocar-se sistematicamente à prova através de jogos de comparação, de atracção e de reconhecimento. Estes jogos conduzem-no a uma percepção de corpo a partir de si mesmo; mas também o podem frustrar, na medida em que os esforços para concretizar as imagens impostas de fora a partir de modelos ou elementos de modelos, tidos como ideais, podem não ser bem sucedidos (Philips & Drummond, 2001).

Apesar de alguns adolescentes terem uma auto-imagem negativa do seu corpo e, por isso, manifestem o desejo de melhorá-lo, crê-se que a maior parte dos jovens tem uma atitude positiva em relação a este, ainda que o valor simbólico que cada um lhe atribui varie consoante a sua condição social e o sexo (Ferreira, 2003).

Saber como os nossos jovens representam o corpo e o corpo ideal, enquanto realidades significativas, a partir de palavras evocadas é, pois, a nossa proposta metodológica, que partiu do pressuposto de que estas realidades difundem e pontuam um padrão de valor atribuído ao corpo e ao corpo ideal, enquanto construções sociais e históricas que atribuem papéis específicos, para além das diferenças biológicas (Bourdieu, 1998/1999).

Assim, afigurou-se-nos relevante, neste estudo, fazer uma análise aprofundada das similaridades e diferenças no que respeita aos atributos do corpo e do corpo ideal, em termos positivos e negativos em função do sexo dos adolescentes.

Para o efeito, fez-se um estudo transversal que nos permitiu comparar os adolescentes entre si, tendo-se centrado a análise dos diferentes conteúdos das representações sociais nas palavras e ideias em que estes ancoraram o seu corpo e o corpo ideal, sempre que este foi evocado, ainda que nos encontremos cientes de que estas realidades têm significados flutuantes e difusos.

2. Procedimentos metodológicos

Objectivando captar a representação dos corpos adolescentes, optámos por conduzir o nosso estudo no sentido de criar um espaço para os adolescentes nos dizerem, de viva voz, como definiriam o corpo e o corpo ideal. Partindo do pressuposto de que existe uma relação dialéctica entre os jovens e a sociedade e que esta ancora no carácter simbólico, imaginativo e afectivo que lhe é conferido por estes sujeitos sociais, adoptámos a teoria das representações sociais como base metodológica do nosso estudo.

Assim, para a nossa investigação, que se pretende de cariz exploratório, entendeu-se ser adequado socorreremo-nos da entrevista semi-estruturada e da técnica de associação livre de palavras, pela forma como potenciam a proximidade aos jovens e às respectivas representações sociais do seu corpo e de corpo ideal. Na pesquisa participaram estudantes adolescentes de seis escolas da cidade de Coimbra. Aos voluntários foi solicitado que associassem as formulações indutoras “O seu corpo que lembra...” e “O corpo ideal lembra...” a cinco palavras (expressões) que lhes ocorressem de imediato, sem grandes elaborações frásicas (Cabecinhas & Amâncio, 2004). A partir das diferentes evocações obtidas por associação livre de palavras constituímos quatro dicionários:

CFL – palavras mencionadas a partir do estímulo indutor “*O seu corpo lembra...*” para o sexo feminino;

CML – palavras mencionadas a partir do estímulo indutor “*O seu corpo lembra...*” para o sexo masculino;

CIFL - palavras mencionadas a partir do estímulo indutor “*O corpo ideal lembra...*” para o sexo feminino;

CIML - palavras mencionadas a partir do estímulo indutor “*O corpo ideal lembra...*” para o sexo masculino.

As evocações referidas livremente pelos participantes foram submetidas a alguns agrupamentos. Optou-se por organizar todas as evocações livremente referidas pelos adolescentes por campos semânticos⁴ e converter todas as evocações que emergiram sob a forma de expressão verbal ou substantivo a uma forma adjectiva do masculino singular, sempre que esse procedimento se mostrou exequível.

A fim de evitar as palavras cuja ocorrência pudesse ser devida a idiossincrasias dos participantes, considerámos para o nosso estudo apenas as palavras utilizadas por um dos dicionários cuja reprodução apresentasse uma frequência igual ou superior a 3.

3. O corpo espelhado

Na Tabela 1 figuram as evocações e as ocorrências obtidas e retidas nos quatro dicionários a partir dos procedimentos atrás mencionados, bem como os respectivos índices de homogeneidade.

4 A título ilustrativo agrupámos ‘alegria’ em ‘alegre’.

Tabela 1: Indicadores relativos aos quatro dicionários⁵

	Evocações		Ocorrências		Índice de Homogeneidade	
	Obtidas	Retidas	Obtidas	Retidas	Obtido	Retido
CFL	215	51	519	309	0,41	0,17
CML	227	62	711	504	0,32	0,12
	Evocações		Ocorrências		Índice de Homogeneidade	
	Obtidas	Retidas	Obtidas	Retidas	Obtido	Retido
CIFL	182	55	546	399	0,33	0,14
CIML	184	61	689	542	0,27	0,11

Como podemos constatar, os quatro dicionários (CFL, CML, CIFL e CIML) são bastante homogêneos, pois os seus índices de homogeneidade aproximam-se bastante do zero, parecendo revelar a utilização de um universo semântico semelhante ou uma mesma norma de associação (Amâncio, 1989). No entanto, no que toca aos dicionários obtidos para o corpo ideal, verifica-se que os respectivos índices de homogeneidade são relativamente maiores que os índices de homogeneidade apurados para o corpo, o que nos leva a crer que a representação do corpo ideal é mais partilhada.

É também de salientar que o sexo masculino obtém índices de homogeneidade, em comparação com as suas congéneres femininas, mais próximos de 0. Na análise de conteúdo dos dicionários, averiguámos também quais os atributos que cada sexo considerava mais marcantes sempre que o corpo foi evocado.

Retivemos para esta análise as palavras/expressões cuja frequência atingiu os dois dígitos.

Tabela 2: Atributos mencionados nos dois dicionários “*O seu corpo [feminino] lembra...*” e “*O seu corpo [masculino] lembra...*”

Evocações	CFL		Evocações	CML	
		Frequências			Frequências
Magro		21	Magro		47
Alto		17	Alto		31
Normal		17	Bonito		26
Moreno		16	Grande		22
Bonito		15	Normal		22
Gordo		13	Atlético		20
Bem constituído		11	Forte		20
Elegante		11	Musculado		18
			Alegre		16

⁵ As Evocações referem-se ao total de palavras diferentes. As ocorrências referem-se ao total de palavras, incluindo as frequências; o Índice de Homogeneidade é obtido através da divisão das Evocações pelas Ocorrências e varia entre 0 e 1, sendo 0 o máximo de homogeneidade.

Elegante	16
Bem constituído	13
Saudável	13
Fraco	11
Moreno	11
Atraente	10
Gordo	10
Sensual	10

Parece-nos ser bastante interessante constatar que os atributos mais evocados na tabela 2, por ambos os sexos, foram “Magro” e “Alto”, não só por se tratar de traços ligados à forma física, bem como por se encontrarem habitualmente entre os atributos mais associados ao corpo ideal.

“Ser bonito, magro e saudável é a primeira coisa em que se repara...”. Catarina, 15 anos.

“Ser magro pode ser importante em certas profissões, facilita a integração na sociedade, porque é uma ideia que está associada a ser bonito e saudável”. Cláudia, 16 anos.

Ser magro⁶ é hoje quase sinónimo de beleza, de capacidade para escolher e ser escolhido nos mais diversos contextos sociais e, ainda, de responsabilidade individual e social, isto porque perdura a tendência social e cultural de se considerar a magreza como indispensável para se ser aceite e ter êxito. “Na maioria das sociedades pré-modernas o corpo feminino ideal é rechonchudo. A magreza não era sequer considerada desejável – em parte porque era associada à falta de comida e, conseqüentemente, à pobreza” (Giddens, 1989/2000, p. 150).

“Se fosse gorda não teria vergonha, iria achar-me estranha ao pé do meu grupo de amigos, porque são magros e acho que me iria sentir mal”. Cláudia, 14 anos.

Contudo, a incoerência, no que diz respeito à delimitação dos padrões de magreza, e a distorção da imagem corporal (Fleitlich, Larino, Cobelo, & Cordás, 2000), no que diz respeito ao peso e à proporcionalidade do corpo, podem, paradoxalmente, conduzir o corpo à exclusão e ao fracasso, especialmente ao nível da auto-estima (Chipkevitch, 1987) e, de uma forma geral, ao nível da saúde (Nunes, Bagatini, Abuchaim, Kunz, Ramos, Silva, Somenzi, & Pinheiro, 1994; Verri, Verticale, Vallero, Bellone, & Nespoli 1997).

“Estar bem conosco é o mais importante (...). No entanto, a sociedade criou parâmetros que também são importantes e fazem, por vezes, com que as pessoas se sintam mal com o corpo delas”. Joana, 17 anos.

⁶ Evocada a evolução histórica, nomeadamente da figura feminina, constatámos que os padrões de beleza variaram. Até ao século XIX, as formas “generosas” eram valorizadas positivamente e representadas nas artes, tendo deixado de o ser em nome da saúde e da moda.

Submetido a constantes pressões que remetem o corpo para a inversão de traços físicos através do consumo (roupas cingidas ao corpo, produtos dietéticos, cremes para estrias e celulite, massagens linfáticas e cirurgias plásticas, etc.) e da adoção de novos estilos de vida, em que o sedentarismo, a falta de exercício e a “fast food” se impõem, não nos surpreende que os jovens, ao serem responsabilizados pela gestão do seu corpo, se vejam bastante empenhados neste processo desde tenra idade, fazendo emergir neste estudo um corpo de certa forma já investido neste sentido.

“Acho que somos influenciados directa e indirectamente pelo que vemos; o que os outros vestem e o que vemos nas lojas acaba por limitar as nossas escolhas”. Inês, 13 anos.

A relevância conferida ao atributo “Alto” parece-nos ser bastante natural, ao pensar-se na ansiedade que habitualmente se nota nos jovens, associada ao desejo de deixarem de ser crianças e ascenderem ao estatuto de adultos e a tudo o que isso envolve, em termos do que idealizam ser a emancipação, para tomarem decisões sem ter que prestar contas.

“O meu corpo lembra-me uma girafa, porque sou alta, mas eu gosto, dá-me superioridade”. Sandra, 14 anos.

Face às evocações, podemos dizer que, para ambos os sexos, os atributos positivos são os mais evocados, ainda que se tenha detectado a saliência de atributos negativos, como “Gordo” e “Fracó”, associados por ambos os sexos ao corpo.

É consensual afirmar-se que nas adolescências ocorrem grandes mudanças corporais, mentais e sociais e que essas transformações são potenciadoras de preocupações ligadas ao corpo e à aparência. Ou seja, o adolescente é envolvido num processo de construção do seu corpo e do mundo, deparando--se com dúvidas e incertezas que tendem a contribuir para o seu mal-estar e baixar a sua auto-estima, fazendo-o perceber o mundo que o rodeia e a si próprio de forma negativa.

“Quando penso no meu corpo penso num fato de cerimónia, que não nos permite fazer tudo, excepto boa ou má figura”. Mariana, 16 anos.

Ao ser associado por ambos os sexos o corpo a um corpo “Comum”, os jovens parecem revelar um certo grau de satisfação com o seu corpo, ainda que este se oriente no sentido da conformidade com o desejável e o esperado, o que nos faz pensar na existência, por parte dos adolescentes, de uma certa consciência dos padrões limite de desenvolvimento esperado.

“Quero sentir-me confortável e não diminuído” António, 12 anos.

“Não sou muito de seguir regras, mas gosto de investir num aspecto que seja confortável e normal, sinto-me mais integrado e à vontade” Pedro, 17 anos.

É de sublinhar que os traços associados por ambos os sexos ao corpo se manifestam estreitamente relacionados com a forma (“Alto” e “Magro”) e aspecto físico (“Moreno”, “Bonito” e “Elegante”). Parece-nos também interessante salientarmos o facto de o sexo masculino fazer ressaltar mais a forma física, enquanto o sexo feminino faz sobressair o aspecto. Parece que, quando emerge a assimetria, a construção social da pessoa do sexo masculino e do sexo feminino ancora em identificações “com modos de ser socialmente definidos” e largamente determinados pela estereotipia dos papéis sexuais (Amâncio, 1994, p. 181).

“Quando vemos uma pessoa vemos que o seu exterior quer dizer algo”. Joana, 17 anos.

“O corpo a sua imagem e o que se pensa ou não sobre ele é uma das nossas maiores preocupações, quer se queira quer não; o corpo, por vezes faz-nos sofrer”. Mariana Rosa, 16 anos.

A combinação dos atributos “Alegre”, “Atraente” e “Sensual” associados pelo sexo masculino ao corpo revelou-se muito curiosa, pois esperava-se vir a encontrar estes atributos mais associados ao corpo feminino, especialmente o adjectivo sensual, habitualmente conotado com a feminilidade. Encontrar o corpo masculino associado a estes atributos fez-nos pensar que as “velhas” estratégias masculinas de sedução, assentes na força física, talvez estejam num processo de mudança. O corpo masculino parece ter novas necessidades e desejos, de transmitir boa disposição, proporcionar bem-estar e ser capaz de dar e receber prazer, aparentemente sem perder a noção da sua responsabilidade social e biológica, se se pensar que continua a ser associado ao atributo “Saudável”.

“O meu corpo lembra-me alegria. É difícil alguém ficar triste ao pé de mim. Sou muito positiva. A beleza também ajuda, isso cativa as pessoas”. Ana Rita, 12 anos.

“Por vezes, começo a gostar de uma pessoa pela forma como anda, sorri ou levanta o cabelo”. Gonçalo, 14 anos.

Em relação ao estímulo, *“O corpo ideal lembra...”*, procedeu-se da mesma forma que para o estímulo *“O corpo lembra...”*.

Efectuada a análise do conteúdo dos dicionários, averiguámos quais os traços considerados mais marcantes em relação a cada um dos sexos, sempre que o estímulo CIL foi evocado. Retivemos para esta análise as palavras/expressões cuja frequência atingiu os dois dígitos.

Tabela 3: Atributos mencionados nos dicionários “O corpo ideal [feminino] lembra...” e “O corpo ideal [masculino] lembra...”

Evocações	CIFL		Evocações	CIML	
		Frequências			Frequências
Magro		40	Musculado		64
Bonito		32	Alto		46
Alto		24	Bonito		35
Elegante		19	Magro		33
Atraente		18	Forte		26
Sensual		18	Elegante		23
Saudável		14	Moreno		18
Moreno		13	Atraente		17
Curvilíneo		11	Grande		14
Belo		10	Médio		12
Face bonita		10	Perfeito		11
Musculado		10	Saudável		11

Ao proceder-se à análise desta tabela, foi com surpresa que se detectou uma certa paridade entre os atributos associados ao corpo ideal feminino e masculino, sendo de destacar “Magro”, “Bonito”, “Alto”, “Elegante”, “Atraente”, “Saudável”, “Moreno” e “Musculado”.

Contudo, parece-nos importante referir que se encontram bem evidentes certos atributos relacionados especificamente com papéis, funções e estatutos próprios do sexo a que dizem respeito, confirmando assim uma obediência a *scripts* e estereótipos de sexo (Amâncio, 1998). Enquanto o corpo ideal feminino se encontra associado a atributos relacionados com o aspecto e forma física de cariz estético, como “Sensual”, “Curvilíneo”, “Belo” e “Face bonita”, o corpo masculino apresenta-se ligado a adjectivos como, “Forte”, “Alto”, “Grande” e “Perfeito”, que nos remetem para a sua utilidade biopsicossocial e para uma ideia de poder físico:

“Tento vestir o que me fica melhor. Ponho uns brilhantezinhos na cara e uso base, mas não gosto de excessos”. Inês, 13 anos.

“Tanto os homens como as mulheres têm de ter bom aspecto, para poderem ter bons empregos e subir na vida”. Rui, 14 anos.

“O meu corpo lembra-me força e desporto”. André, 16 anos.

“As partes do corpo que mais gosto são as mãos, porque são úteis”. António, 12 anos.

Os primeiros atributos mencionados pelo sexo masculino e feminino foram, respectivamente, “Musculado” e “Magro”. Vilela, Lamounier, Oliveira, Ribeiro, Gomes e Barros Neto (2001) são da opinião de que, com a idade, as estratégias de gestão do corpo divergem em função do sexo. Segundo estes autores, existem diferenças a assinalar, sendo que o

sexo masculino deseja, tendencialmente, ganhar peso, ainda que sob a forma de porte atlético, ao passo que o sexo feminino tende a querer perder peso.

Parece interessante reflectir sobre o atributo “Musculado”, na medida em que se trata de um predicado associado em ambos os dicionários ao corpo ideal (apesar de hierarquizado diferentemente), que poderá ser percebido ao nível de cada um dos três parâmetros anteriormente referidos: o aspecto, a forma e a utilidade funcional do corpo. De alguma forma, esse atributo manifesta o ideal do “corpo trabalhado”, pelo exercício físico e alimentação adequada, transmitido massivamente na nossa cultura pelos meios de comunicação social. Como refere Giddens (1989/2000, p. 154) “Numa sociedade onde a comida é abundante, somos capazes de, pela primeira vez, desenhar os nossos corpos através dos nossos hábitos e estilos de vida (*jogging*, ginástica) e do que comemos. (...) Sempre que os homens se preocupam com o culto do corpo, o corpo musculado foi considerado ideal”. O corpo “musculado” quando evocado como ideal pelo sexo feminino parece, contudo, sugerir uma estratégia de emagrecimento. Segundo Giddens, “Hoje em dia, algumas das mulheres já fazem musculação mas a maioria não se dedica a este tipo de exercícios quando pretende alcançar um corpo em conformidade com os seus ideais. As suas ansiedades concentram-se no medo da gordura. O ideal moderno da mulher desejável é uma mulher magra e em forma” (1989/2000, p.155).

Assim, um corpo musculado parece-nos poder estar associado a um determinado “estilo de vida” tal como é definido por Giddens: “conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo adopta [forçado, sem escolha] não só porque essas satisfazem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade” (1991/1997, p. 75)

“Ser bonita exteriormente é ter pernas elegantes, sem celulite, rijas, sem serem musculadas”. Joana, 17 anos.

“Os músculos nas raparigas não ficam bem, é mais uma preocupação dos rapazes”. Joana, 13 anos.

Por esta ordem de ideias, cremos que os atributos “Sensual” e “Curvilíneo” poderão não ancorar apenas em valores estéticos, mas também em aspectos de funcionalidade biológica e social.

No entanto,

“É preciso ser saudável, estar em forma, ter uma estatura mediana e peso ideal”. Teresa, 12 anos.

Encontrar o atributo “Saudável” associado em ambos os dicionários ao corpo ideal faz-nos pensar que os jovens têm preocupações que vão para além do aspecto

Analisando a figura 1, mapa perceptual bidimensional, observamos que todas as categorias das linhas e colunas são projectadas pelos *scores* das categorias nas duas dimensões. A aparente “confusão” e “proximidade” das evocações informamos que muitos dos atributos mencionados pelos adolescentes são partilhados por mais do que um dicionário. No caso presente, a primeira dimensão (horizontal) domina, logo devemos tomar atenção à mesma. A origem (o) serve de referência; à medida que nos deslocamos para a direita, observamos a proximidade das evocações (“Boa cor”, “Boas referências”, “Apolo”, “Tonificado”, “Todos gostam”, “Vistoso”, “Brasa”, “Bombástico”, “Musculado”, “Bronzeado”, “Enérgico”, “Olhos azuis”) ao estímulo “*O corpo ideal lembra...*” - masculino (CIML).

O corpo ideal masculino reúne em torno de si um conjunto de traços positivos relacionados, quase exclusivamente, com o aspecto (“Boa cor”, “Tonificado”, “Vistoso”, “Brasa”, “Bombástico”, “Bronzeado”, “Olhos azuis”), sendo, no entanto, de destacar algumas referências à forma física (“Apolo”, “Musculado”).

Mediante esta análise, parece encontrarmo-nos perante um corpo que, apesar de ser expressado como ideal, é relativamente fácil de alcançar e manter, na medida em que é muito mais viável alterar o aspecto do que a forma física do corpo, o que eventualmente poderá potenciar uma percepção do corpo masculino tendencialmente menos desfasada dos modelos ideais de referência corporal masculina e uma maior tolerância perante a percepção de um hipotético desfasamento.

Quanto às referências afectivo-relacionais associadas ao corpo ideal masculino, este parece ser percebido pelo sexo masculino como um corpo que indicia uma personalidade franca (“Boas referências”), acessível (“Todos gostam”), mas também bastante dinâmica (“Enérgico”), possivelmente associada à prática de actividades lúdico-desportivas ao ar livre, uma vez que a frequência com que os atributos “Enérgico” e “Bronzeado” foram evocados é igual, fazendo com que se visualizem sobrepostos, no nosso diagrama de dispersão bioespacial.

Neste sentido, talvez se possa dizer que, aparentemente, os rapazes percebem o seu corpo como dotado de bastante capacidade comunicativa, expressiva e dinâmica.

A exaltação do corpo ideal masculino pelos jovens do sexo masculino, apesar de ser por nós esperada, parece, no entanto, apresentar-nos o corpo ideal de forma bastante superficial (“Boa cor”, “Apolo”, “Vistoso”, “Brasa”, “Bombástico”, “Musculado”, “Bronzeado”) e vaga, pois a maior parte dos atributos que lhe estão associados implica uma aproximação de referenciais de corpo ideal não explicitados. No entanto, parece ser possível afirmar que a coloração da pele e os contornos do corpo são características bastante significativas e significantes, que poderão, eventualmente, ancorar no pressuposto de que o sexo masculino

continua a perceber o seu corpo como desejável, mediante o seu aspecto e forma física, numa lógica ontológica de continuidade da espécie, em que uma aparência saudável assegura uma descendência saudável e potencia a sobrevivência humana.

Ainda na primeira dimensão, mas na parte esquerda do diagrama de dispersão bio-espacial (eixo horizontal), encontra-se representada a proximidade das evocações (“Coração”, “Celulite”, “Estriado”, “Não atraente”, “Boneco”, “Em desenvolvimento”, “Imperfeito”, “Sem complexos”, “Limp”, “Não perfeito”, “Útil”, “Próximo do ideal”, “Pesado”, “Gordo”, “Feminino”, “Defeituoso”, “Feio”, “Sensível”, “Baixo”, “Humano”, “Não magro”, “Sem borbulhas”, etc.) relativas ao estímulo “O corpo lembra...” - feminino (CLF). Verifica-se uma relação com atributos negativos, centrados no aspecto (“Celulite”, “Estriado”, “Não atraente”, “Pesado”, “Feio”) e na forma física (“Imperfeito”, “Não perfeito”, “Gordo”, “Defeituoso”, “Baixo”, “Não magro”). As jovens aproximam-se de evocações relacionadas com a forma, nomeadamente no que se refere ao peso — facto que parece fazer todo o sentido, na medida em que o ser magro continua a ser uma exigência que se impõe ao corpo, em nome da saúde e da beleza, exigência muitas vezes percebida e associada à capacidade de escolher e ser escolhido nos mais diversos contextos, desde as relações pessoais às relações laborais, entre outras, e que pesa particularmente sobre a representação do corpo feminino na contemporaneidade.

Ser gorda parece apavorar as jovens não só por poder sentenciá-las a serem excluídas e privadas de aceder a determinadas relações e contextos, como por as intimidar, pelo facto de as responsabilizar pela situação de negligência em que se podem encontrar.

Na análise deste diagrama bio-espacial, foi também interessante constatar que, aparentemente, sob a forma de tentativa de diluição do valor negativo conferido ao corpo feminino, este aparece também situado entre a recusa em se assemelhar aos modelos ideais de corpo femininos, tidos como demasiados artificiais (“boneco”, “[não] humano”), a aceitação da similitude face a estes modelos, como hipotético reflexo de um posicionamento do corpo num processo evolutivo de transição (“Em desenvolvimento”, “Próximo do ideal”) e a exaltação de traços específicos de cariz positivo (“Coração”, “Sem complexos”, “Limp”, “Útil”, “Feminino”, “Sensível”, “Não magro”, “Sem borbulhas”) do corpo, sendo de destacar entre estes o atributo “Não magro”, possivelmente ancorado numa consciência dos efeitos nefastos da anorexia.

Depois de explanadas algumas particularidades do corpo feminino, parece fazer sentido dizer que este aparenta ser percebido pelas raparigas como algo que se encontra em plena fase transformativa (“Em desenvolvimento”) — ainda que relativamente tolerada por ser interiorizada como fazendo parte do normal

desenvolvimento humano (“Sem complexos”), mas, apesar de tudo, vivida, por vezes de forma dolorosa (“Defeituoso”) —, no sentido de ser percebido como reunindo poucas características esperadas e/ou desejadas (“Feio”, “Gordo”), especialmente no que diz respeito ao aspecto e à forma física. Tal verifica-se apesar de ter sido detectada uma certa tendência para a minimização dos aspectos menos desejáveis através do enaltecimento de características afectivo-relacionais (“Feminino”, “Sensível”, “Humano”).

Olhando para a segunda dimensão na parte superior do diagrama de dispersão bio-espacial (eixo vertical), constatamos a proximidade das evocações (“Escultural”, “Sem estrias”, “Sem gorduras”, “Barriga lisa”, “Hidratado”, “Equilibrado”, “Linhas bem definidas”, “Higiénico”, “Curvilíneo”, “Modelo”, “Feminino”, “Cuidado”, “Harmónico”, “Bem-feito”), relativamente ao estímulo *“O corpo ideal lembra...”* - feminino (CIFL). Note-se que estas Evocações, ao contrário daquelas associadas pelas jovens ao estímulo *“O corpo lembra...”*, se encontram, tal como era esperado, predominantemente ligadas a atributos positivos, sendo de destacar o aspecto (“Sem estrias”, “Modelo”, “Hidratado”, “Higiénico”, “Feminino”, “Cuidado”), a forma física (“Escultura”, “Barriga lisa”, “Equilibrado”, “Linhas bem definidas”, “Curvilíneo”, “Harmónico”, “Bem-feito”, “Sem gorduras”) e a ausência de características afectivo-relacionais.

Um corpo conforme aos modelos de referência femininos, nos mais ínfimos pormenores (“Barriga lisa”, “Sem estrias”, “Sem gorduras”), parece ser o corpo tido como ideal pela maioria das jovens auscultadas, o que leva a crer que há uma maior probabilidade de serem exacerbados os possíveis desfasamentos entre o seu corpo e o corpo ideal (“Modelo”), aumentando conseqüentemente o grau de insatisfação das raparigas em relação à forma como percebem o seu corpo, pois o detalhe com que o corpo é “apreciado” assim o sugere.

Na análise deste diagrama, importa também salientar a aparente implicação das jovens na construção do seu corpo ideal, no sentido de uma responsabilização individual no processo de minimização do desfasamento entre o corpo e o corpo ideal (“Sem estrias”, “Sem gorduras”) e de investimento valorativo no corpo (“Hidratado”, “Higiénico”, “Cuidado”), na medida em que parece revelar a existência da consciência de o corpo poder vir a ser trabalhado no sentido da aproximação ao corpo ideal desejado (“Escultural”, “Curvilíneo”).

Parece fazer todo o sentido que o atributo “Equilibrado”, enquanto traço específico associado ao corpo ideal feminino, se encontre ancorado no aspecto e na forma física do corpo ou em ambos, pois situa-se bastante próximo de outra relevante característica, “Linhas bem definidas”. No entanto, face ao facto de se encontrar relativamente afastado de outras particularidades do corpo, tais como “Harmónico” ou “Bem feito”, suscita-nos algumas dúvidas, nomeadamente para a eventual-

dade de se tratar de uma referência a um Equilíbrio mental, o que poderia vir na sequência do que foi referido relativamente à consciência de responsabilização das jovens na construção do seu corpo ideal feminino.

Posto isto, talvez se possa dizer que o corpo ideal feminino ancora em traços muito específicos, relacionados essencialmente com o aspecto e a forma física, mas quase de forma alienada, na medida em que o aspecto exterior (“Escultural”, “Curvilíneo”, “Modelo”) se confunde com o “ecrã da alma” (“Equilibrado”), ou seja, a aparência imagética (“Linhas bem definidas”, “Higiénico”) tende a sobrepor-se à autenticidade/plasticidade e expressividade do corpo, podendo conduzir a leituras distorcidas deste, apesar de poder não ser esse o seu desejo.

Olhando para a segunda dimensão na parte inferior do diagrama de dispersão bio-espacial (eixo vertical), observamos a proximidade das evocações (“Sincero”, “Leão”, “Razoavelmente bom”, “Estável”, “Fraco”, “Não peludo”, “Cheiroso”, “Voz grossa”, “Atlético”, “Branco”, “Glorioso”, “Másculo”) ao estímulo “*O corpo lembra...*” - masculino (CML).

Tendo-nos deparado com evocações que se encontram predominantemente ligadas a aspectos positivos (“Sincero”, “Estável”, “Cheiroso”, “Atlético”, “Glorioso”, “Másculo”), ou não negativos (“Razoavelmente bom”, “Não peludo”), fomos levadas a pensar que existe uma relação entre atributos tidos como satisfatórios e o corpo masculino.

Não obstante, impõe-se destacar a relevância conferida ao atributo “Fraco” (apesar de mais afastado), que parece emergir num contexto aparentemente paradoxal, quando sabemos da aproximação da evocação “Leão” ao corpo masculino. Esta relação poderá compreender-se, caso se relacione o atributo “Fraco” à (in)capacidade de resistir a apelos externos e/ou internos, e o “Leão” à capacidade de acção, característica aliás bastante associada ao sexo masculino (Amâncio, 1998). Foi com alguma surpresa que se verificou a proximidade do corpo masculino com um atributo ligado à sinceridade (“Sincero”) e à estabilidade (“Estável”), se bem que não tenha sido possível saber, neste estudo, em que ancoram estes atributos, pois poderão eventualmente estar associados ao aspecto e à forma física e não a traços afectivo-relacionais.

Por se encontrar afastado dos usuais modelos-padrão de referência masculina, entendeu-se também destacar a aproximação do corpo masculino com um corpo “Não peludo” e “Branco”, quando se esperava vir a encontrar um corpo masculino “Peludo” e “Bronzeado”, características normalmente valorizadas no sexo masculino, tendo em vista a sua demarcação do corpo feminino, que se apresenta, habitualmente, como um corpo suave, sem irregularidades e recatadamente alvo.

Ainda que não tenha sido possível aprofundar a conotação do corpo masculino com os atributos “Não peludo” e “Branco”, esta faz-nos, no entanto, pensar na hipótese de a estrutura representativa de corpo masculino se encontrar em transformação, nomeadamente no sentido da associação a “novos” traços como “Cheiroso” e “Branco”, e à substituição e/ou coexistência de outros tais como “Não peludo”, novos cânones de uma masculinidade em transformação.

Algo que já era esperado encontrar associado ao corpo foi a saliência de atributos relacionados com a prática de actividades desportivas (“Atlético”, “Musculado”) e expressões da percepção do seu poder (“Voz grossa”), enquanto características fortemente enraizadas na concepção sociocultural de corpo masculino.

Quanto à prática desportiva, sabendo-se que esta remonta ao ponto em que a actividade humana começou a ser relatada e que a construção social do corpo masculino se encontra muito alicerçada nas especificidades da constituição física masculina e nos papéis sociais que foram atribuídos em função dessa mesma constituição, não nos surpreende que esta continue a ser bastante associada ao corpo masculino e seja tida como indício de saúde e de competências biofuncionais.

No que toca ao poder, e em consequência do que foi anteriormente referido, também não nos causa espanto que este se encontre ligado ao corpo masculino, ainda que aparentemente assuma uma expressão menos relacionada com a força física e mais com a capacidade de persuasão (“Voz grossa”).

O corpo evocado pelo sexo masculino apresenta-se, neste estudo, de uma forma que parece indiciar uma certa superficialidade e dispersão, apesar de se encontrar associado a ideias relativamente concretas: superficialidade, no sentido de se encontrar ligado a ideias bastante abrangentes e pouco precisas (“Razoavelmente bom”, “Branco”, “Cheiroso”), e disperso, por nos ficar a ideia de ter sido necessária a sua segmentação (“Sincero”, “Leão”, “Estável”, “Atlético”) numa aparente tentativa de construção e/ou (re)construção deste.

4. Considerações Finais

Fazer do corpo objecto de estudo depois de o mesmo ter sido durante séculos sujeito a todo o tipo de exploração, invasão, dissecação e de ter sido submetido voluntária e involuntariamente a lentes cada vez mais graduadas, em nome da construção de um saber sobre o corpo, poderia parecer estranho. Parece-nos, no entanto, que muitas das lentes “investigativas” o afastam da sua espacialidade, da percepção de si próprio, das suas vivências. É um facto que o corpo tem vindo a ser feito refém de uma multiplicidade de teorias, que o foram amputando de partes significativas de si mesmo, fazendo-o

diluir-se em esquemas cognitivos minimalistas, em que a parte é tomada pelo todo e o todo pela parte. Acontece que o “controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo” (Foucault, 1979, p. 80). Deste modo, compreender o que o corpo representa, dentro de determinado período de tempo, implica descodificar o processo cultural subjacente.

O lugar que o corpo ocupa na contemporaneidade é de uma grande visibilidade social. Como refere Ferreira (2006, p. 27), “*A saliência e o valor social que lhe vêm sendo conferidos, bem como a crescente solicitação e exigência a que as suas práticas e aparências têm sido sujeitas, valeram ao corpo o despertar inaugural do interesse sociológico, traduzido, nomeadamente, em qualificativos como corporeista (Maisonrouve, 1976), somática (Turner, 1996 [1984]) ou somatófilas (Pais, 1998: 45) para designar a sociedade contemporânea ocidental. São designações que convocam a hipervisibilidade que tomou na vida social, quer enquanto lugar destacado de investimentos estético, político, cultural ou científico (Turner, 1992:12), quer enquanto matéria reificadora de um conjunto de valores expressivos em ascendência – como sejam, por exemplo, o primado do individualismo e da diferença, do hedonismo e da ludicidade, da estetização e da experimentação*”.

Talvez por esse facto objectivámos, com este estudo, proceder a uma (des)construção das unidades de análise Corpo e o Corpo ideal levadas a cabo por adolescentes de ambos os sexos. O nosso estudo assentou no pressuposto de que existia uma relação dialéctica entre os jovens e a sociedade, e que esta relação ancora no carácter simbólico, imaginativo e afectivo que lhe é conferido por estes sujeitos sociais.

Em resultado do percurso efectuado e tal como havia sido esperado, deparámo-nos com a representação de um corpo adolescente de existência ambígua. Reunindo em si o positivo e o negativo, o saber e o não saber, o querer e o não querer, o corpo revelou-se, através dos seus interlocutores, um importante espaço de identidade em metamorfose, em permanente devir, onde se foram sucedendo evidências projectadas em superfícies, volumes e conteúdos vivenciais e simbólicos, privilegiando o objecto, a qualificação, a distância, as dimensões e o visualizado, mas também o sentido.

Mais do que conhecer O Corpo Adolescente, desconstruímo-lo ao prospectar as diferenças entre sexos, quando evocados os estímulos “*O corpo lembra...*” e “*O corpo ideal lembra...*”; as diferenças evocadas contribuíram para a construção de uma significação simbólica virtualmente “desancorada” das tautologias, das distorções, dos medos, tensões, paradoxos e estigmas em que habitualmente o corpo adolescente se vê enredado.

Referências Bibliográficas

- Amâncio, L. (1989). *Factores psicossociológicos da Discriminação da Mulher no Trabalho*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Instituto Universitário de Lisboa.
- Amâncio, L. (1994). *Masculino e Feminino. A construção social da diferença*. Porto: Edições Afrontamento.
- Babo, M. (2001). Para uma semiótica do corpo. *Revista de Comunicação e Linguagens*, 29, 255-269.
- Bourdieu, P. (1999). *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Obra original publicada em 1998).
- Braunstein, F. & Pépin, J-F (2001). *O lugar do corpo na cultura ocidental* (J. D. Silva, Trad.). Lisboa: Instituto Piaget (Obra original publicada em 1999).
- Cabecinhas, R. & Amâncio, L. (2004). Dominação e exclusão: representações sociais sobre minorias raciais e étnicas. *Actas do V Congresso Português de Sociologia*. Braga: Universidade do Minho.
- Chipkevitch, E. (1987). O adolescente e o corpo. *Revista Pediatria Moderna*, 22, 231-237. Editora.
- Ferreira, V. S. (2003). Atitudes dos jovens portugueses perante o corpo. In J. M. Pais; M. V. Cabral (Ed.), *Condutas de Risco, Práticas Culturais e Atitudes perante o Corpo* (pp. 265-366) Oeiras: Celta Editora.
- Ferreira, V. S. (2006). *Marcas que Demarcam. Corpo, Tatuagem e Body Piercing em Contextos Juvenis*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Instituto Universitário de Lisboa.
- Fleitlich, B.W., Larino, M.A., Cobelo A. & Cordás, T. A. (2000). Anorexia nervosa na adolescência. *Jornal Pediátrico*, 76, 323-329.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do Poder*. (Tradução da transcrição não autorizada de uma lição proferida no Collège de France em 1 de Fevereiro de 1978). Rio de Janeiro: Graal.
- Giddens, A. (1997). *A modernidade e identidade pessoal*. (M. V. de Almeida, Trad.) Oeiras. Celta Editora. (Obra original publicada em 1991).
- Giddens, A. (2000). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste. Gulbenkian. (Obra original publicada em 1989).
- Nunes, M. A., Bagatini, L. F., Abuchaim, A. L., Kunz, A., Ramos, D., Silva, J. A., Somenzi, L. & Pinheiro, A. (1994). Distúrbios da conduta alimentar: considerações sobre o teste de atitudes alimentares (EAT). *Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria*, 16: 7-10.
- Pais, J. L. (2003). Grupos Juvenis: Condutas e Imagens. In J. M. Pais; M. V. Cabral (Ed.), *Condutas de Risco, Práticas Culturais e Atitudes perante o Corpo* (pp. 265-366) Oeiras: Celta Editora.
- Palmeira, T. (2005). *O corpo na velhice – representações e práticas*. Dissertação de Mestrado apresentada na Universidade do Minho.
- Pestana, M. & Gageiro, J. (1998). *Análise de dados para ciências sociais – A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Philips, J. & Drummond, M. (2001). An investigation into the body image perception, body satisfaction and exercise expectations of male fitness leaders: implications for professional practice. *Leisure Studies*, 20, 95-105
- Verri, A.P., Verticale, M.S., Vallero, E., Bellone, S. & Nespoli, L. (1997). *La television i disturbi del comportamento alimentare*. *Minerva Pediatria* 49: 235 - 243.

Vilela, J.E.M., Lamounier, J.A., Oliveira, R.G., Ribeiro, R.Q.C., Gomes, E.L.C. & Barros Neto, J.R. (2001). Avaliação do comportamento alimentar em crianças e adolescentes de Belo Horizonte. *Psiquiatria Biológica*, 9: 121-130.

The teenage body: contributions to the understanding of its representation

The purpose of this study was to know how youths represent their body and the ideal body as significant realities. The first stage of the empirical investigation process was to apply free word association tests to a universe of 278 young students, in order to collect our data. We also conducted 30 additional interviews. The results, as expected, showed a representation of an ambiguous teenage body. Encompassing the negative and positive, the “knowing” and “not-knowing”, the “wanting” and “not-wanting”, it came across as an important part of identity and metamorphosis, in an ongoing, becoming process. Thus, the differences evoked contributed to the construction of a symbolic meaning free from those tautologies, distortions, fears, tensions, paradoxes and stigmas in which the teenage body is usually entangled.

KEY-WORDS: adolescence, body, ideal body, social representations.

Le corps adolescent: contributions pour la compréhension de sa représentation

Notre objectif était de découvrir comment les jeunes représentent le corps et le corps idéal, comme réalités significatives. Nous commençâmes le processus de recherche empirique grâce au recueil des données par association libre de mots pour 278 jeunes étudiants. En même temps, nous effectuâmes 30 entretiens complémentaires. Le résultat obtenu au long de ce parcours effectué et comme nous l’attendions, nous fûmes confrontés à la représentation du corps adolescent avec une existence ambiguë. En réunissant le positif et le négatif, le savoir et le non-savoir, le vouloir et le non-vouloir, on révéla l’important espace d’identité et de métamorphose, en devenir permanent. Ainsi, les différences évoquées contribuèrent à la construction d’une signification symbolique virtuellement “désancrée” des tautologies, des distorsions, des peurs, des tensions, des paradoxes et des stigmates dans lesquels le corps de l’adolescent se voit habituellement emprisonné.

MOTS-CLÉS: adolescence; corps; corps idéal; représentations sociales.